

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Ana Paula Lima Magalhães

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DANÇA:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Belo Horizonte
2018

Ana Paula Lima Magalhães

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DANÇA:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Departamento de Fotografia, Teatro e Cinema da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Dança – Licenciatura.

Orientadora: Anamaria Fernandes Viana

Belo Horizonte

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Curso de Dança - Licenciatura

**ATA DA SEÇÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
DE CURSO - TCC DO CURSO DE DANÇA - LICENCIATURA**

Às 15:30 horas do dia 03/12/2018 reuniu-se na Escola de Arquitetura da UFMG a Banca Examinadora constituída pelos professores Glaucinei Rodrigues Corrêa (Escola de Arquitetura da UFMG), Raquel Pires Cavalcanti (Escola de Belas Artes da UFMG) e Anamaria Fernandes Viana (orientadora do Trabalho de Conclusão / Escola de Belas Artes da UFMG), para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Ana Paula Lima Magalhães intitulado

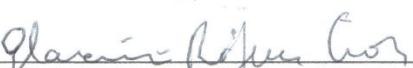
**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DANÇA:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.**

Após a apresentação do trabalho, os examinadores realizaram a arguição respeitando-se o tempo máximo de quinze minutos para cada um, tendo a candidata igual tempo para resposta. Em seguida, a banca reuniu-se para deliberação do seguinte resultado final, que foi comunicado publicamente: a candidata foi considerada APROVADA. Encerrou-se a sessão com a assinatura da presente ata.

Belo Horizonte, 03 de dezembro de 2018



Prof. Anamaria Fernandes Viana – orientadora
Escola de Belas Artes/UFMG



Prof. Glaucinei Rodrigues Corrêa
Escola de Arquitetura/UFMG



Prof. Raquel Pires Cavalcanti
Escola de Belas Artes/UFMG

NOTAS ATRIBUÍDAS À CANDIDATA	
Profa. Anamaria Fernandes Viana	98
Prof. Glaucinei Rodrigues Corrêa	100
Profa. Raquel Pires Cavalcanti	95
MÉDIA FINAL	98

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, por terem desde cedo priorizado a minha educação e por me terem oferecido tudo o que eu precisei para encontrar meu caminho na Dança. Minha mãe, pela força do seu colo e afeto incessante, sempre me lembrando dos meus limites e da minha saúde física e mental. Meu pai, pelo apoio de todas as horas e pela exigência que gera qualidade.

À minha irmã, por acreditar tanto em mim e contar comigo, mesmo quando eu não estive tão presente assim, ou quando fui desnecessariamente implicante.

Aos meus quatro avós, que vieram antes de nós e abriram o caminho para que tudo acontecesse da maneira como foi e como é.

A todos os meus familiares e agregados, pelo suporte e afeto de sempre.

Aos meus professores, fontes de inspiração, por tantos momentos de trocas, questionamentos, desafios, (des)encorajamentos e transformações. Em especial aos professores que compõem minha banca: minha querida orientadora Anamaria Fernandes, que me acompanhou ao logo de todo o processo que desencadeou este trabalho, professor Glaucinei Rodrigues, sem o qual essa pesquisa não existiria e a tão inspiradora professora Raquel Pires.

Aos meus amigos de todas as horas. Blinds, companheiros de muitos momentos e papos profundos. Mari e Lorena, pela amizade tão significativa e real. Amigos de faculdade pela companhia em busca de novos aprendizados. Amigos de diferentes encontros, de perto ou de longa distância, mas todos em meu coração.

Falando em distância, ao Jérémy, por sempre me lembrar da minha força e repetir incansavelmente que eu daria conta, mesmo quando eu estive tão convicta de que tudo estava perdido.

Às companheiras de trabalho, Luana, Mércia, Jéssica e Júlia, por tantos momentos repletos dos mais ricos compartilhamentos nos projetos de extensão.

Por último, mas em especial, às mulheres da ASMARE e do Flores do Morro, que, através do encontro, foram a verdadeira razão desse trabalho. Sem vocês, a minha formação jamais seria da maneira como foi. Obrigada por me modificarem enquanto artista, enquanto professora, enquanto mulher.

Educar e educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando o seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho visa refletir acerca da importância da Extensão Universitária na formação do estudante da Graduação em Dança – Licenciatura, por meio de um relato de experiência da autora como bolsista, ministrando oficinas de dança, no projeto de extensão “Catadores de Sonhos”, realizado pela Escola de Arquitetura e Design e Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE). Este projeto de extensão tem o intuito de promover o bem-estar social e melhorar a condição socioeconômica, além de possibilitar uma experiência educativa em Dança a um grupo de catadoras associadas à ASMARE. Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se uma análise acerca da vivência da autora, através de seus diários de bordo, registros fotográficos e vídeos em paralelo com estudos bibliográficos que puderam fundamentar suas reflexões. Espera-se demonstrar, portanto, que a extensão pode ser uma experiência transformadora não somente para a comunidade externa da Universidade, mas principalmente para o docente bolsista e/ou voluntário.

Palavras-chaves: Extensão Universitária; Dança; Arte e Educação.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the importance of University Extension in the formation of undergraduate Dance students, through the author's experience report, as a scholar, promoting dance workshops in the extension project Catadores de Sonhos (Dream Collectors), a project developed by the School of Architecture and Design and School of Fine Arts of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) in partnership with the Association of Collectors of Paper, Cardboard and Reusable Material from Belo Horizonte (ASMARE). The project main goal is to promote social well-being and increase the socioeconomic condition, as well as offer an educative dance experience for the waste collectors from ASMARE. For this paper development a critical analysis has been carried out over the author's experiences, based in her logbook notes, photographic and video registers, in parallel with bibliographic studies that substantiate her hypothesis. It's hoped to demonstrate therefor that university extension can be a transformative experience not only for the community outside the university walls, but mainly for the scholar or volunteer student.

Key Words: University Extension; Dance; Art and Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Catador no galpão da Av. Contorno.....	23
FIGURA 2 – D. Geralda ministrando uma de suas palestras	25
FIGURA 3 – Reunião de apresentação das propostas	28
FIGURA 4 – Registro da primeira oficina de dança (dia 27/08/17).....	29
FIGURA 5 – Registro da apresentação na Escola de Arquitetura da UFMG	38
FIGURA 6 – Atividade de dança no Flores do Morro	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	14
1.1. EX.TEN.SÃO. (SF).....	14
1.2. UM POCO DA HISTÓRIA DA EXTENSÃO	15
1.3. EXTENSÃO NA UFMG	17
1.4. DANÇA E EXTENSÃO.....	18
2. CATADORES DE SONHOS	20
3. ASMARE.....	22
3.1. SER CATADOR	23
4. A CHEGADA DA DANÇA NO PROJETO CATADORES DE SONHOS	27
4.1. O COMEÇO	29
4.2. APRENDENDO A IMPROVISAR	31
4.3. A ROTINA	32
4.4. TAMBOR MINEIRO: UM NOVO ESPAÇO.....	35
4.5. APRESENTANDO PARA O PÚBLICO: PERDAS E GANHOS.....	36
4.6. O DESAFIO DA CONTINUIDADE.....	40
5. OUTROS ARES: FLORES DO MORRO	42
5.1. QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O curso de Graduação em Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tem sido um dos momentos mais significativos para a minha trajetória na dança até agora. Me fez ampliar meu olhar para muitos universos dentro do campo da Arte, além de questionar diversos conceitos que eu trazia de minha limitada formação artística. Escolhi esta graduação por acreditar no potencial transformador da Arte e da Educação. Entre trajetórias e descobertas do mundo acadêmico, foi ficando cada vez mais claro para mim a importância da formação profissional dos professores de dança.

Apesar de tantas descobertas, questionamentos e possibilidades que encontrei dentro da grade curricular do curso, um acontecimento específico me tocou de maneira muito significativa, nos últimos semestres do curso. Não foi o estágio obrigatório, nem uma disciplina optativa; não foi um congresso, nem mesmo um intercâmbio internacional. Foi um projeto de Extensão Universitária. Ao longo de todo curso, buscamos sempre pensar em modos de levar uma ideia mais ampla sobre Dança e sobre Arte às crianças e adolescentes no contexto da escola regular, afinal, escolhemos cursar uma licenciatura.

Seria possível, no entanto, levar a dança para lugares distintos da escola e, ainda assim, promover com ela o acesso à expressão corporal, o desenvolvimento da criatividade e o bem-estar social de pessoas em contextos de invisibilidade e estigmatização? Existem lugares pré-determinados para a dança ou ela pode estar em qualquer lugar? O docente graduado na licenciatura está preparado para lidar com a dança fora das instituições de ensino e ambientes tipicamente educacionais? Como a universidade pode contribuir para que as relações entre a academia e a sociedade aconteçam de fato? Muitos foram os questionamentos que me ocorreram, dando início à pesquisa que aqui será apresentada.

Este trabalho decorre, portanto, da necessidade de escrever sobre minha experiência dentro da Extensão Universitária, e, mais especificamente, de fazer uma reflexão acerca da Dança, como um caminho possível também para fortalecimento de vínculos de cidadania e promoção da visibilidade em contextos de pouco acesso à

arte, à cultura e à informação. Reafirmando esse entendimento, Arruda considera que:

A arte do movimento, além de desenvolver as formas individuais e coletivas de expressão, de criatividade, de espontaneidade, concentração, autodisciplina, promove uma completa interação do indivíduo e um melhor relacionamento entre os homens. (ARRUDA apud SANTOS, FIGUEIREDO, 1988, p.15)

Assim, esta monografia tem como objetivo principal investigar a importância da Extensão Universitária na formação do aluno de Graduação em Dança – Licenciatura, como artista-professor-pesquisador. Pretende-se apresentar e exemplificar como a participação em ações extensionistas pode transformar a trajetória do estudante, ampliando seu olhar para suas possibilidades de atuação pedagógica e artística.

Pensando na formação docente, Berenice Garcia acredita que:

Educar na vida compreende atividade muito complexa, trata-se de tema amplo e que merece atenção, de modo que, quando se pensa em instituições de ensino superior, mais ainda se deveria pensar sobre como ocorre a relação entre conhecimento e sociedade, pois, a universidade tem como objetivo maior a formação de sujeitos, e é nesses sujeitos que reside a semente da mudança. (GARCIA, 2012, p. 17)

Quanto à Extensão Universitária, se faz necessário compreender seus conceitos, objetivos, história e atual situação no Brasil, e mais especificamente na UFMG, para que possamos demonstrar e compreender o que a torna um diferencial na formação do estudante. Paulo Freire nos lembra que diferente do que se pode imaginar, as ações extensionistas não possuem caráter assistencialista, mas “pelo contrário, o que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas.” (FREIRE, 1985, p.09)

Sobre o projeto de extensão que deu origem aos questionamentos aqui abordados, o *Catadores de Sonhos*, foi um projeto criado pelo professor Glaucinei Rodrigues¹, em 2014, na Escola de Arquitetura e Design da UFMG em parceria com a Associação de Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE). Com o objetivo de promover o bem-estar social dos catadores

¹ Professor Doutor e Pesquisador no Curso de Design da UFMG. Coordenador do Curso de Design (2015 - 2017).

de material reciclável, além de buscar desenvolver ações que de alguma forma possam atender às demandas de uma associação de catadores como a ASMARE, o projeto se transformou ao longo dos anos. Até que em 2017, o professor Glaucinei conheceu a professora Anamaria Fernandes², e juntos, decidiram unir a Dança e o Design para dar seguimento à ação extensionista em questão.

Para analisar o contexto dos catadores da ASMARE, se faz necessário ampliar o olhar para a representação da figura do catador de material reutilizável perante a sociedade. A associação destas pessoas com diversos aspectos negativos e excludentes é quase automática no imaginário coletivo, assim como várias questões que se relacionam com o lixo. O que pode ser conectado diretamente à questão da estigmatização discutida por Erwing Goffman, em seu livro *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Goffman discorre sobre as relações com sujeitos estigmatizados por suas posições sociais e sobre a construção de identidade a partir de seus estigmas. Segundo o autor,

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (GOFFMAN, 1963, p.6)

Pensando ainda nos problemas gerados pelos estigmas sociais e preconceitos atribuídos às pessoas em condições sociais precárias como as dos catadores de material reciclável, existe uma questão recorrente aos mesmos: a invisibilidade social à qual estão submetidos em seu dia-a-dia. Apesar de sabermos que essas pessoas são invisibilizadas diariamente nas ruas das cidades, as relações entre o que é visível e o que é invisível podem ser extremamente sutis e relativas, se buscamos analisar o que existe por trás de tais termos. O que é visível ou não, pode variar de contexto para contexto, até que tenhamos consciência sobre aquilo que já estamos acostumados a invisibilizar, uma vez que:

O visível e o invisível são também construções sociais. Precisamos educar nossos olhos, procurar ver além do que eles nos mostram. Precisamos também olhar sem eles, para dentro de nós, com nossas sensações, sentir nossos medos, perceber nossas ideias preconcebidas cristalizadas. (VIANA; VIANA, 2016, p.80)

² Professora Doutora e Pesquisadora no curso de Dança – Licenciatura da UFMG.

Sobre esta questão, no que se refere aos catadores, pode-se dizer que existe uma forma de visibilidade e de invisibilidade. Por um lado, uma visibilidade que vem carregada de preconceitos e pré-julgamentos. São “pessoas sujas”, moradores de rua, antigos detentos, alguns viciados, pobres coitados marginalizados. Talvez sejam essas algumas das imagens, das visibilidades que se apresentam para nós. Ao mesmo tempo, esse estigma atribuído a grupos sociais muitas vezes não passa de uma justificativa para torná-los cada vez mais invisíveis aos nossos olhos, que se incomodam ao vê-los, e se fecham para eles, pois o não-ver é uma situação de comodidade, isenta de culpa; se não vermos, não precisaremos fazer nada a respeito.

Tendo isso em vista, o conceito de *corpo* a ser utilizado neste trabalho está diretamente relacionado com as noções de sujeito e vínculo social, partindo do pressuposto de que “o corpo não pode ser entendido simplesmente como organismo biológico, fisiológico, psicológico. Ele também é cultura, transcendendo o aspecto físico” (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2004, p. 68). E ao pensarmos no corpo com tamanha amplitude de sentido, faz-se necessário também o recorte do corpo na Dança; o corpo que dança, que ensina e aprende dança, afinal, este é o campo de conhecimento da presente pesquisa.

Moura defende que:

Ensinar dança não deveria ser somente o ato de transmitir conhecimentos técnicos a respeito deste ou daquele gênero ou linguagem [...]; deveria, sim, ser a educação de pessoas, indivíduos, cidadãos, acompanhada da conscientização de que nossos corpos são fontes de conhecimento e saber, de beleza e prazer, de expressão e comunicação com o mundo e como tal, merecedores de respeito e aceitação. (MOURA, 2001, p. 181).

Podemos dizer que este trabalho se caracteriza como um relato de experiência, uma vez que apresenta reflexões e considerações acerca das situações que vivi como bolsista no projeto de extensão aqui apresentado. Durante o período analisado, foram feitos registros em formato escrito (diários de bordo e relatórios) e audiovisual (fotografias e filmagens), que foram bases importantes para esta pesquisa. Logo, fará parte da metodologia de pesquisa adotada a análise de tais registros, a fim de encontrar características que se mantiveram ao longo do período analisado e questões que se modificaram, além de como e o porquê desses

acontecimentos. Em diálogo com a revisão bibliográfica, este estudo traz novas reflexões e questionamentos sobre a temática abordada.

A presente monografia se constitui, portanto, de 6 capítulos. No capítulo 1, apresentamos alguns conceitos e dados acerca da Extensão Universitária como um todo, em termos de história, políticas nacionais de extensão, e sua relação com o currículo universitário dentro da UFMG. No segundo capítulo, foi feita uma breve apresentação histórica e contextual acerca da ASMARE, apresentando sua estrutura organizacional e refletindo sobre a subjetividade da figura do catador no Brasil. O capítulo 3 é dedicado ao Projeto Catadores de Sonhos, entrelaçando a história da ASMARE e a Extensão Universitária; sobre como se deu esse encontro e quais foram os frutos do mesmo. Em seguida, no quarto e maior capítulo, estão as reflexões e considerações acerca das vivências em campo, desde o planejamento e a construção das oficinas até alguns resultados parciais do projeto Catadores de Sonhos no período compreendido entre agosto de 2017 e novembro de 2018. O capítulo 5 é um paralelo com o projeto Flores do Morro, outra experiência significativa para este trabalho, que, apesar de ser mais recente, serve de comparação e reforça as ideias defendidas no objetivo do trabalho. Por último, nas considerações finais, foi feita uma reflexão final, unindo relatos de outros bolsistas e questionamentos resultantes deste trabalho, relativos à minha experiência pessoal e à formação docente em Dança, em geral.

1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

1.1. EX.TEN.SÃO. (SF)

De acordo com o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, a palavra “extensão” pode significar, entre outras coisas, ideias como as de prolongamento; do ato de estender; do limite até onde algo se estende; de aumento, ampliação; entre outros. É uma palavra que nos traz a sensação daquilo que vai, sem deixar de ser o que é, mas sem necessariamente se transformar em algo novo.

Paulo Freire (1985), em seu livro “Extensão ou Comunicação?” questiona e desmistifica o significado etimológico e semântico da palavra “extensão”, que muito frequentemente é associada às noções de transmissão, doação, ajuda etc., colocando o extensionista (ou aquele que estende) automaticamente em uma posição de superioridade em relação a um outro sujeito que recebe algo passivamente.

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”, [...] transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações. Poder-se-ia dizer que a extensão não é isto; que a extensão é educativa. (FREIRE, 1985, p.11)

No âmbito universitário, no entanto, a palavra “extensão” é utilizada para definir as ações desenvolvidas pela comunidade acadêmica em parceria com a comunidade extramuros, promovendo a troca mútua de saberes e ampliando as possibilidades de democratizar o acesso ao conhecimento acadêmico. A extensão tem como objetivo principal transformar, de algum modo, os sujeitos envolvidos na mesma. O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) define:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012, p.27.)

A Extensão Universitária deve, portanto, acontecer de maneira mais igualitária, para que não caia no erro de desnivelamento e hierarquização do saber, criticado por Paulo Freire. Neste trabalho, escolheu-se a perspectiva transformadora da extensão do ponto de vista do aluno bolsista, em especial os estudantes do curso de Graduação em Dança – Licenciatura, tendo em vista suas relações artísticas de ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

De acordo com a educadora Berenice Garcia:

A dimensão do ensino pode ser ampliada para a inserção dos acadêmicos em espaços educativos para além da sala de aula possibilitando experiências por meio da investigação e da ação, na perspectiva da pesquisa e da extensão, dando outro sentido para o processo de aprendizagem (GARCIA, 2012, p. 17.)

A partir deste conceito, apresento nesse capítulo, um breve recorte histórico e contextual da Extensão Universitária, no Brasil e na UFMG, a fim de dialogar com a realidade vivenciada no projeto que deu origem a essa monografia.

1.2. UM POUCO DA HISTÓRIA DA EXTENSÃO

As ações extensionistas universitárias não são mais novidade no mundo. Existem relatos da Universidade de Cambridge que implicam a existência de projetos com características de extensão desde 1867 (SOUZA, 2000). No Brasil, no entanto, assim como a criação das instituições universitárias em si, o processo aconteceu mais tarde, no século XX. De acordo com Paula (2013), há registros de atividades nas décadas de 10 e 20, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que poderiam ser consideradas como a semente da Extensão Universitária brasileira, pois muito se assemelham ao modelo europeu do começo do século. A legislação que primeiramente abordou, de fato, a extensão no Brasil foi o Decreto nº 19.851, de 11/4/1931, que estabelece os fundamentos para o sistema universitário brasileiro, mas sem caracterizá-la ou dar direções para o seu funcionamento (PAULA, 2013).

Até a década de 60, a extensão ainda não era considerada função ou princípio fundamental da universidade, mas foi nesta época que ela começou a se unir à pesquisa e ao ensino, solidificando o tripé universitário tão difundido nos dias de

hoje. É importante ressaltar que a questão extensionista foi fortalecida junto aos movimentos estudantis da época. A resistência dos estudantes na iminência do golpe de 64 (e ao longo da ditadura estabelecida), muito tem a ver com as características sociais inerentes à Extensão Universitária (GARCIA, 2012). Sousa (2000) afirma que o movimento estudantil foi parte determinante da gênese da extensão no ambiente universitário, pois este sempre acreditou e defendeu a necessidade de aproximar as instituições de ensino à sociedade.

A indissociabilidade dos eixos ensino, pesquisa e extensão aparece em legislação pela primeira vez na Constituição de 1988 e, em seguida, em 1993 é criado o Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXT) para financiar os programas de forma um pouco mais sistematizada e fazer cumprir o que foi previsto em lei. Contudo, a institucionalização formal da Extensão Universitária se consolidou posteriormente, por meio do Plano Nacional de Extensão de 1998, que buscava, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, unificar a extensão (que agora era considerada uma das finalidades da universidade pública brasileira) nas diversas universidades do país, garantir recursos financeiros para os projetos, entre outros objetivos.

O plano foi reformulado e a versão que vigorou entre 2001 e 2010 configurou um aumento significativo nos investimentos e na criação de novas oportunidades para as ações extensionistas, pois “no início da década de 2000, a Extensão Universitária já havia adquirido significativa densidade institucional” (FORPROEX, 2012, p. 17).

A nova Política Nacional de Extensão Universitária, foi publicada em 2012 pelo FORPROEX, já bem mais complexa e consolidada, tendo em vista a abrangência que a Extensão Universitária teve – e tem tido – nos últimos anos, em todo o país. Nela, estabeleceram-se e reformularam-se as cinco diretrizes para a implantação, acompanhamento e avaliação das atividades de caráter extensionista nas universidades brasileiras, citadas abaixo (FORPROEX, 2012, p.29)

- Interação Dialógica,
- Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade,
- Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão,

- Impacto na Formação do Estudante, e
- Impacto e Transformação Social.

Desde então, tem-se buscado ampliar a ideia da curricularização da Extensão Universitária, a fim de atender a uma das metas do Plano Nacional de Extensão: o cumprimento de 10% dos créditos necessários para integralização do curso dentro de ações extensionistas. Nesse sentido, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais apresentou, em 22 de setembro de 2015, a resolução nº 12/2015, as atividades de Formação em Extensão Universitária, um mecanismo voltado para a implantação gradativa das medidas que poderão concretizar a meta estabelecida previamente pelo FORPROEX. (UFMG, 2015)

1.3. EXTENSÃO NA UFMG

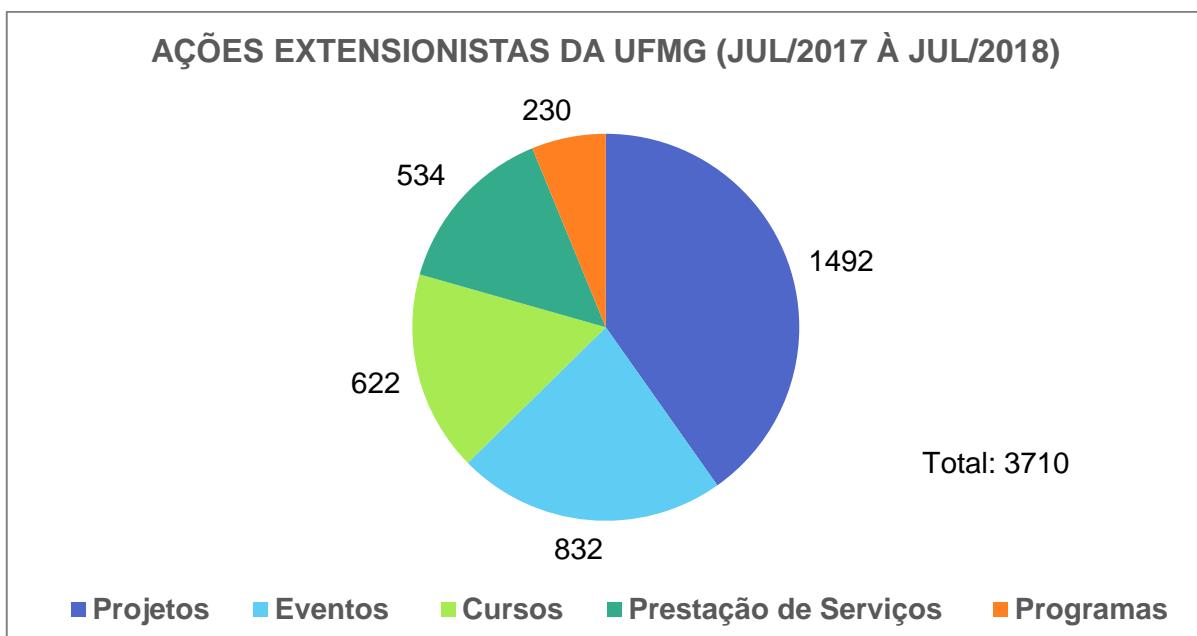
Considerando o princípio indissociável Ensino-Pesquisa-Extensão dentro da Universidade Federal de Minas Gerais, as ações extensionistas vêm crescendo e lutando para conseguir cada vez mais espaço dentro da UFMG, mesmo perante a dificuldade de conseguir financiamento e fomento por parte do poder público. As atividades de extensão estão previstas no Regimento Geral da UFMG e seus princípios e metas estão especificados no Plano de Gestão 2014-2018 da Pro-Reitoria de Extensão (PROEX).

Dentre estes princípios, destaca-se a importância do estímulo à integração entre a Extensão Universitária e os currículos de graduação e pós-graduação, com foco na interdisciplinaridade, na democratização do conhecimento acadêmico e na ampliação do diálogo entre os setores da sociedade. O Art. 60 do Regimento Geral da UFMG estabelece que “A extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade.” (UFMG, 2012)

As ações extensionistas podem, no entanto, ser de naturezas bem diferentes entre si, desde que atenda aos princípios anteriormente citados. De acordo com os dados registrados no Sistema de Informação da Extensão (SIEX) da PROEX

/ UFMG, no período de 1 ano, compreendido entre julho de 2017 e julho de 2018, a universidade registrou em todos os *campi* um total de 3.710 ações extensionistas, entre cursos, eventos, serviços, projetos (que são maioria, somando 1.492) e programas. Destas, 105 eram da Escola de Arquitetura e Design e 226 da Escola de Belas Artes (unidades responsáveis pelos projetos a serem tratados neste trabalho). As ações estão representadas no gráfico abaixo, divididas por tipos.

Gráfico 1 – Ações Extensionistas da UFMG



Fonte: Elaborado pela autora

1.4. DANÇA E EXTENSÃO

Ao se pensar a Dança para além dos muros da universidade, muitas são as possibilidades de ações extensionistas nessa área. Dentro da escola de Belas Artes, são ofertados semestralmente diversos cursos de dança para a comunidade acadêmica e externa, sendo ministrados, grande parte das vezes, pelos próprios alunos do curso. Outro exemplo de Extensão Universitária dentro do curso de Dança, são os eventos, como o *Leve Arte*³, organizados pelos alunos e abertos a todo tipo de público.

³ Evento promovido anualmente em homenagem ao Dia Internacional de Dança (29 de Abril), através de oficinas, mesas temáticas e apresentações artísticas gratuitas para a comunidade.

Existe também uma gama de possibilidades de ações extensionistas relacionadas ao contexto escolar, como, por exemplo, o projeto Escola Integrada, os programas de imersão à docência (PIBID), os cursos para professores da educação básica, entre outros. O diálogo entre a universidade e a escola formal é urgente e extremamente fortalecedor para a educação brasileira, principalmente no contexto da licenciatura, que é o caso do curso de Dança. Contudo, atualmente, os conceitos de educação, ensino-aprendizagem e troca de conhecimentos não se restringem exclusivamente às instituições formais.

Segundo Garcia:

As atividades de Extensão Universitária são promotoras da aproximação da universidade com a comunidade; articuladoras de saberes acadêmicos e sociais; estímulos para a reflexão e para a crítica para além do espaço tradicional de sala de aula e promotoras do deslocamento do espaço de formação para outros locais, favorecendo, assim, o desenvolvimento humano e a transformação social. (GARCIA, 2012, p. 43)

Se faz necessário, portanto, pensar em ações que extrapolam não somente o contexto da universidade, como também os muros das instituições de ensino, como um todo, a fim de fortalecer a aproximação do mundo acadêmico com a comunidade. E o projeto Catadores de Sonhos pode ser considerado um exemplo disto.

A seguir, faremos uma apresentação contextual e histórica do projeto de extensão que deu origem a este trabalho, bem como da ASMARE, cenário na qual o mesmo se desenvolveu. E após, retomaremos a questão da dança, docência e extensão.

2. CATADORES DE SONHOS

Em 2012, iniciou-se a parceria entre o curso de Design da UFMG e a ASMARE que daria origem ao projeto Catadores de Sonhos. Na disciplina do curso de Design intitulada “Design II”, o professor Glaucinei Rodrigues propôs aos alunos do terceiro período que desenvolvessem, ao longo do semestre, um projeto ou produtos que pudessem contribuir para a causa dos catadores, atendendo alguma de suas demandas no momento. Era uma forma de apresentar aos alunos, pela primeira vez, uma situação real de trabalho. Mesmo sendo apenas um exercício acadêmico, a disciplina foi importante para o que veio em seguida: a criação do projeto Catadores de Sonhos.

O projeto de extensão, surgiu em 2014, “com o objetivo principal de promover a inclusão socioeconômica dos catadores/ associados por meio de ações e atividades fundamentadas no design” (CORREA, 2018, p. 69), uma vez que se percebeu a necessidade de uma ação continua para que houvesse alguma efetivação nas propostas apresentadas pelos alunos durante a disciplina.

Contando com o apoio da PROEX, foram ofertadas bolsas para três alunos, que desenvolveram diversas ações relacionadas à criação da identidade gráfica para o projeto e à busca de soluções para demandas da ASMARE. Dentre essas ações, destacam-se a elaboração do design de uniformes, coletores e outros equipamentos a serem utilizados pela associação. A primeira demanda atendida com estas ações foi em relação ao Evento Sustentável: uma prestação de serviço que proporcionava uma fonte extra de renda para os catadores da ASMARE em grandes eventos da cidade.

O projeto foi selecionado como destaque e premiado na Semana do Conhecimento da UFMG em 2014 e apresentado em dois eventos internacionais de Design: o Colóquio Internacional de Design, em Belo Horizonte, e XXIII Jornada de Jovens Investigadores, na Universidade Nacional de La Plata, na Argentina (CORREA, 2017).

Em 2015, o projeto se transformou em um programa de extensão, denominado Programa CASOS, composto por dois projetos. Um deles foi o projeto Design Reciclado, que buscou dar continuidade às ações desenvolvidas no ano

anterior. O segundo projeto foi o Oficinas de Design, realizado em parceria com artesãos do Grupo Oficinário e a ASMARE. Nesta nova fase, muitos foram os desafios iniciais, tendo em vista o corte dos recursos por parte da Prefeitura de Belo Horizonte, que muito modificou a realidade da associação.

Durante o ano de 2016, o projeto Catadores de Sonhos passou a contemplar uma vertente importante: a sustentabilidade, buscando a coerência de se trabalhar ao máximo com reaproveitamento e reutilização de materiais. Nessa época, projetaram-se novos produtos para serem construídos na marcenaria da ASMARE e vendidos para a população. Também foi criado o site da ASMARE (asmare.org), plataforma utilizada pela população e empresas para entrarem em contato com a associação, doar materiais reaproveitáveis e conhecer um pouco da história dos catadores. Mais uma vez, o programa foi premiado na Semana do Conhecimento UFMG. (CORREA, 2017)

Na mais recente fase do projeto Catadores de Sonhos (iniciada em 2017), além da oferta de uma nova bolsa para o curso de Design, buscando dar continuidade ao que foi desenvolvido nos anos anteriores, estabeleceu-se também a parceria com a Escola de Belas Artes da UFMG, através da oferta de uma bolsa para um (a) aluno (a) do curso de Graduação em Dança – Licenciatura, na qual fui selecionada. A ideia era unir Design e Dança para atingir um objetivo único: o bem-estar social dos catadores da ASMARE, através de oficinas semanais, com seus objetivos específicos, sem perder o foco que mantém essa ação extensionista ativa desde 2014.

Em junho de 2018, aconteceu também o lançamento do livro *Catadores de Sonhos: Design em projetos de extensão*, escrito em colaboração por diversos autores que participaram ativamente do projeto ao longo dos últimos anos e organizado pelo professor Glaucinei Rodrigues. O livro é de distribuição gratuita e apresenta o curso de Design na UFMG, a Extensão Universitária no contexto da Escola de Arquitetura e Design, uma breve história da ASMARE e todo o percurso do projeto em si, com suas diversas fases, seus objetivos gerais e parciais, resultados obtidos e perspectivas futuras.

3. ASMARE

A Associação dos Catadores de Papel e Material Reutilizável de Belo Horizonte foi fundada em primeiro de maio de 1990 pelos próprios catadores, com apoio da Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte e de outros movimentos de cunho social, religioso e/ou ambientalista. De acordo com Jacobi e Teixeira (1997, p.14.), o intuito era criar “uma articulação entre a população que vive da separação de materiais recicláveis do lixo domiciliar e comercial” para que tivessem uma fonte de renda fixa e conseguissem deixar a situação de rua.

Pioneira em Minas Gerais, e uma das primeiras do Brasil, a associação dos catadores foi imprescindível para que as pessoas cuja catação era o único modo de sobrevivência, pudessem ter algum amparo ao buscar exercer esse trabalho com dignidade e dentro da lei. A ASMARE ainda é considerada um exemplo de associação em todo o Brasil e serve de modelo para as associações menores e mais recentes. Seu lema é *Reciclando Vidas*, uma vez que a ASMARE sempre buscou realizar a inclusão socioeconômica, lutando contra o desemprego, a desigualdade e a pobreza (PEREIRA, 2011).

Atualmente a ASMARE possui cerca de 140 associados, divididos em dois galpões: a Sede, localizada na Av. do Contorno e o segundo, localizado na Rua Ituiutaba, no bairro Prado. Apesar de ambos fazerem parte da mesma associação, seu funcionamento é completamente diferente. O primeiro deles, funciona da mesma maneira desde o início da ASMARE, da qual os catadores saem com seus carrinhos para as ruas em busca do material reaproveitável e voltam no fim do dia para realizar a triagem, pesagem etc. Já o galpão da Ituiutaba recebe o material diretamente da coleta seletiva de BH, da população e de grandes empresas, de forma que os catadores não saem do galpão em busca dos resíduos, onde permanecem ao longo do dia, realizando o trabalho de triagem, pesagem e venda.

Outra diferença entre as unidades é em relação ao recebimento do salário dos catadores, pois, na unidade sede recebe-se de acordo com a produtividade, ou seja, o valor é proporcional à quantidade de material recolhido e processado. Já na unidade do bairro Prado, a renda é paga pela produção total do galpão e os ganhos

são divididos entre todos, sendo descontado apenas os dias de faltas e atrasos. (SOUSA, 2018.)

Hoje, após quase 30 anos de existência, a ASMARE segue buscando os valores que a criaram, no entanto, a contínua falta de apoio por parte do poder público e de visibilidade por parte da população são fatores que entravam o crescimento da associação, a inclusão e a visibilidade dos catadores associados. Durante todo esse tempo, e até os dias atuais, os catadores seguem com sua luta por reconhecimento, sem terem deixado de sofrer com o preconceito e a marginalização (PEREIRA, 2011).

FIGURA 1 – Catador no galpão da Av. Contorno



Fonte: <http://asmare.org>

3.1. SER CATADOR

A figura do catador de material reaproveitável, popularmente conhecido como *catador de papel* ou *catador de lixo*, carrega consigo uma série de preconceitos e estigmas relacionados ao seu lixo. Conceitos que associam essas pessoas à sujeira, insalubridade, mal cheiro, etc. automaticamente colocam-nas em um patamar abaixo

da sociedade e acabam por reduzi-las ao “lixo” com o qual as mesmas trabalham. De acordo com Pereira, “esta classificação negativa do lixo pelas pessoas revela a discriminação que expõe o catador ao preconceito, contribuindo para a formação de um sentimento de inferioridade e sofrimento, no seu estado de ser” (PEREIRA, 2011, p. 107).

Erwin Goffman, em seu livro *Estigma*, apresenta diversos conceitos e situações sobre indivíduos estigmatizados e sobre a sua identidade social e pessoal. Nesse contexto, a estigmatização do catador não se dá de maneira exclusiva e individual, mas em relação à uma categoria, um grupo social de catadores. E, considerando a época em que Goffman publicou essa obra, podemos perceber que a ideia de categorização dos indivíduos com base em seus estigmas não é novidade:

O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. As consequências de uma apresentação compulsória em público serão pequenas em contatos particulares, mas em cada contato haverá algumas consequências que, tomadas em conjunto, podem ser imensas. (GOFFMAN, 1963, p.44)

Unindo-se isto à questão da invisibilidade social, podemos refletir sobre o fato de que os catadores não estão escondidos nem afastados da sociedade de maneira literal. Pelo contrário, são figuras que estão expostas em público, estão nas ruas. Como já dito, o que os torna invisível, é o modo como direcionamos nosso olhar aos mesmos. Além de associá-los ao lixo com o qual trabalham, cobrimos nossos olhos com preconceitos que nos impedem de enxergar o sujeito que está bem a nossa frente. Optamos por ignorar e não nos relacionar, ao invés de nos abrirmos para conhecer e respeitar essas pessoas, cujo trabalho, apesar de tamanha desvalorização, é extremamente importante para a sociedade.

Uma das fundadoras da ASMARE, Dona Geralda, é conhecida em BH, no Brasil e até fora do país, por suas palestras acerca de sua experiência como catadora e as suas batalhas diárias em busca do seu direito à cidadania. Sua fala emociona a quem quer que esteja ouvindo e faz com que busquemos refletir sobre nossas posturas diante da sociedade como um todo. Apesar de ser uma mulher extremamente determinada e resiliente, nem todos os associados da ASMARE têm uma postura tão otimista assim, o que nos faz refletir sobre a colocação de Sousa, ao afirmar que “o ato de catar papel, para boa parte desses (as) catadores (as), não é

uma escolha de trabalho ou de atuação profissional, é, “simplesmente”, uma questão de necessidade” (SOUSA, 2018, p.96).

No entanto, o olhar da sociedade para com essas pessoas é raramente favorável. Pereira nos lembra que:

É importante destacar que os catadores continuam sofrendo diferentes desrespeitos, como a negação de direitos que configuram o exercício da cidadania e formas de ofensa e degradação. Mas parece que alguns significados ajudam a impedir a desvalorização apriorística dos catadores, como o destaque dado à importância ambiental do trabalho realizado por eles. No entanto, o trabalho é uma dentre as possíveis esferas, na qual o indivíduo pode ser visto como contribuindo para a sociedade. (PEREIRA, 2011, p. 110).

FIGURA 2 – D. Geralda ministrando uma de suas palestras



Fonte: <https://reciclandosonhos.wordpress.com>

Apesar de muitos catadores exercerem essa função como falta de alternativas, não podemos negar a importância do seu trabalho na sociedade atualmente. Estamos em 2018 e um dos debates mais recorrentes e atuais pelo

mundo está relacionado à importância da sustentabilidade e das políticas de resíduos e reaproveitamento de materiais.

Pelo fato de os(as) catadores(as) já atuarem nas ruas do Brasil desde 1950, foram eles que iniciaram o debate sobre o lixo, por isso, eles são os grandes responsáveis pela reciclagem e por reinserirem o material no ciclo produtivo, transformando aquilo que considerávamos descartável e sem valor em fonte de renda e trabalho. O que nos cabe questionar: como seria a reciclagem no Brasil sem o(a) catador(a) de material reciclável? Apesar disso, a figura desse(a) catador(a) quase nunca é lembrada quando discutimos essa temática. Tendemos a esquecer o papel que muitos sujeitos tiveram ao longo da história: fazemos isso com o tecelão da Revolução Industrial, com a mulher na ciência, com os povos indígenas na cultura brasileira etc. (SOUSA, 2018, p.97).

4. A CHEGADA DA DANÇA NO PROJETO CATADORES DE SONHOS

Entre os anos de 2014 e 2016 todos os bolsistas participantes do projeto Catadores de Sonhos eram alunos do curso de Design. As propostas do projeto eram voltadas para esta área do conhecimento e seus objetivos eram baseados nas possibilidades desse curso. Quando o professor Glaucinei Rodrigues e a professora Anamaria Fernandes se encontraram, perceberam que apesar de serem de áreas diferentes, suas linhas de trabalho se assemelhavam, no que tange à busca do potencial transformador e a possibilidade de se trabalhar com o bem-estar social, a autoestima e o autoconhecimento. E assim, no edital de 2017, o projeto contava com uma vaga para alunos do Design e uma para alunos da Dança, na tentativa de unir os dois cursos para dar continuidade à ação com a ASMARE.

Desde o meu 3º período na UFMG, eu tive interesse em participar de algum projeto de extensão ou iniciação científica. Busquei alguns editais, possibilidades e ideias ao decorrer dos semestres, mas seja por ordem do destino ou outro motivo, nunca foi possível conciliar as oportunidades que surgiam com a minha rotina ao longo do meu percurso na universidade. Até que no segundo semestre de 2017, abriram as inscrições para a nova fase do projeto Catadores de Sonhos. Procurei a professora Anamaria, manifestando meu interesse em participar, mesmo sem conhecer bem o projeto já em andamento, mas porque eu vi aquela poderia ser a minha última oportunidade de realizar uma atividade de extensão antes de me formar.

Em apenas uma semana, me familiarizei um pouco com o projeto, lendo relatos, sites e reportagens sobre os anos anteriores. Em seguida, realizamos uma reunião para determinar as ideias e organizar como iniciariámos o trabalho ao longo do semestre que começava. Foi quando conheci pessoalmente o professor Glaucinei e tive uma ideia maior acerca do projeto que eu agora fazia parte. Mas ainda assim, nunca havia ido na ASMARE. Mesmo tendo passado em frente aos Galpões inúmeras vezes, nunca de fato prestei atenção, nunca havia lido nada a respeito de sua história ou conhecido de fato como funciona uma associação de catadores de material reciclável.

A primeira reunião com os catadores me fez abrir um pouco mais os olhos para a realidade na qual eu estava adentrando. Conversamos com diversos associados, apresentamos a eles nossa proposta, perguntamos o que achavam da

ideia, ouvimos o que esperavam do projeto, etc. Em ambos os galpões tivemos um bom número de pessoas interessadas em realizar ambas as oficinas que gostaríamos de propor (Dança e Design). Tentamos estabelecer os dias e horários em que as oficinas aconteceriam, atendendo aos desejos e possibilidades deles. Sendo assim, as oficinas de dança ocorreriam toda sexta-feira, de 14h às 15h no galpão da Ituiutaba e de 15h30 às 16h30 no galpão da Contorno.

FIGURA 3 – Reunião de apresentação das propostas



Fonte: Acervo do projeto

Junto com a professora Anamaria, realizei o esboço de um plano de aula, alguns objetivos para o trabalho e ideias de como começar a introduzir a dança naquele ambiente tão diferente do que eu estava acostumada no meu dia-a-dia. Dividimos algumas temáticas que pudesse ser trabalhadas a cada mês, pensando em explorar bastante a expressão corporal, a criatividade, a ludicidade e a ideia da dança como uma forma de prazer e até relaxamento para os catadores, tendo em vista o trabalho pesado que realizam com o corpo ao longo da semana.

4.1. O COMEÇO

Devido a feriados e compromissos previamente estabelecidos, ficou acertado na reunião inicial, que as oficinas no Galpão da Ituiutaba aconteceriam de 15 em 15 dias durante o mês de setembro, e em outubro, passariam a ser semanais. Enquanto no galpão sede, começariam efetivamente em outubro. No entanto, ao retornar à ASMARE do Prado, duas semanas após a reunião, a maioria das pessoas não se lembrava que aquele era o dia combinado para começarmos, e a organização das pessoas para se reunirem na copa (local onde aconteceriam as oficinas) tomou um bom tempo.

Por conta da demora a começar, a oficina durou aproximadamente 40 minutos e estavam presentes cerca de 15 catadoras, todas mulheres. Ao final, tentei obter um feedback sobre a aula, sobre as vontades e interesses, na qual algumas relataram que haviam gostado da proposta e iriam continuar, outras pediram que nas próximas aulas eu ensinasse forró, samba, zumba ou funk, e outras saíram sem falar nada, apressadas para voltar a trabalhar. Algumas pessoas deixaram o local ao longo da oficina também, sendo que no final, menos de 10 participaram dessa conversa.

FIGURA 4 – Registro da primeira Oficina de dança (dia 27/08/17).



Fonte: Acervo do projeto.

Saí da ASMARE completamente insegura a respeito do que eu estava fazendo. Não consegui realizar todas as propostas, uma vez que tinha pensado em exercícios que precisassem utilizar o chão, o que era inviável devido a sujeira excessiva do local, que logo antes da aula servia de refeitório para os catadores. Tive que improvisar algumas atividades, gastei um tempo maior do que eu imaginava para explicar algumas propostas, enquanto outras não renderam metade do tempo que eu havia planejado para executar. Por sorte, teria duas semanas para repensar e planejar o que poderia ser feito na próxima vez, para melhorar aquilo que na minha cabeça havia dado “errado”.

A segunda oficina me deixou tão surpresa quanto a primeira. A começar, pelo fato de estarem presentes apenas metade das pessoas que participaram no primeiro dia. De acordo com as próprias participantes, muitas foram ao primeiro dia apenas por curiosidade, mas que não seriam todas que teriam o interesse de continuar, e que aquilo era algo recorrente na ASMARE, quando pessoas de fora trazem projetos e propostas.

Um segundo aspecto que impediu de realizar algumas das minhas ideias foi o fato de terem pedido para realizarmos a aula no meio do galpão, e não na copa, devido ao calor excessivo. O que me impossibilitava dessa vez não somente de usar o chão para os exercícios, mas me limitava por não haver paredes para apoio e não ser possível utilizar música, pois o som da minha pequena caixinha se propagava pelo ambiente e se perdia junto ao som de um rádio utilizado pelos demais catadores em serviço.

O terceiro fator limitador que encontrei foi a extrema dificuldade que as mulheres apresentaram ao executar a maioria das atividades que eu propus, tanto por motivos relacionados à coordenação motora simples e lateralidade, quanto pela intimidação gerada por uma atividade final de criação de dança em grupo.

Saí ainda mais inquieta do que no primeiro dia. “Onde foi que eu me meti?”, “Como vou fazer isso dar certo?” e “E agora, Ana Paula?” eram algumas das perguntas que começavam a rodar em minha cabeça com frequência. Por fora, eu parecia estar no controle da situação, enquanto por dentro, me desesperava cada dia um pouco mais. Mas continuei planejando e pensando em como poderia me adaptar àquelas situações desafiadoras e inesperadas. Queria me antecipar, para não

ser pega de surpresa toda semana, o que eu acreditava que fosse negativo e me deixaria vulnerável, fazendo com que a oficina não desse “certo”.

Durante o mês seguinte, o número de participantes reduziu ainda mais e a média era de cinco participantes por semana, sendo que nem sempre essas cinco eram as mesmas mulheres. Percebi, no entanto, que algumas eram mais frequentes que outras, demonstravam mais seu interesse e se esforçavam mais para começar a oficina no horário combinado.

Outubro também seria o mês que iniciaríamos as oficinas no galpão da Contorno. Contudo, logo no primeiro dia, quando cheguei, haviam pouquíssimos catadores no local. A maioria estava trabalhando na rua, com seus carrinhos, e dos que estavam no galpão, ninguém se interessou em participar da oficina; realizamos outra reunião e tentamos insistir na ideia, mas depois percebemos que seria inviável e incompatível com a rotina dos catadores que lá trabalham. E assim, desistimos da ideia, e voltamos nosso foco para o galpão Ituiutaba, onde já havia dificuldades e resistências suficientes.

4.2. APRENDENDO A IMPROVISAR

Cleide Martins, ao afirmar que “[...] o corpo, ao realizar ações e movimentos na situação de improvisação, pode conhecer, aprender e evoluir na relação que estabelece com o ambiente” (MARTINS, 2002, p.98), se referia à improvisação em dança como estratégia de comunicação e criação artística. Mas acredito que o sentido dessa frase possa ser ampliado, representando fielmente algumas situações que vivi no projeto.

A cada semana, eu era desafiada a lidar com as frustrações das minhas expectativas e com as surpresas que encontrava ao chegar na ASMARE. Inúmeras foram as vezes em que cheguei ao Galpão e motivos diversos (que variavam entre demandas de trabalho, conflitos internos, desânimo, e até mesmo condições climáticas) dificultaram, atrasaram ou até mesmo impediram a realização das oficinas.

Sempre que eu voltava para casa após um desses imprevistos, me questionava o que fazer para contornar a situação ou evitar que acontecesse. Mas

geralmente os motivos que impediam as oficinas de acontecer como previsto não se repetiam. Eu era sempre surpreendida com uma nova situação. Um dia, havia reunião acerca da eleição para diretoria da ASMARE; em outro, o caminhão de coleta seletiva havia mudado o horário e o serviço estava atrasado; certa vez, todos estavam indo ao banco receber uma verba que aguardavam para receber há meses; no fim do ano, uma das chuvas de dezembro inundou todo o galpão, incluído a copa. Entre outras surpresas.

Aos poucos, fui percebendo a necessidade urgente e crescente de flexibilizar minhas ideias, propostas e objetivos, o que foi um fator delicado para mim. Muitas das ideias que eu tinha acerca das oficinas e das minhas propostas começavam a cair por terra. Aquilo que projetei para as oficinas que eu ministraria nos próximos doze meses, não se parecia em nada com a realidade que eu me deparei.

4.3. A ROTINA

Aprendia cada dia mais sobre a importância, enquanto proponente das oficinas, de saber improvisar, observar, respeitar e escutar de várias maneiras aquilo que as mulheres estavam me dizendo, sobre aquele local na qual eu estava começando a me inserir, mas que era (e ainda sou) uma *outsider*⁴. Romário Sousa (2018) relata, em sua pesquisa de Mestrado sobre a ASMARE, um sentimento semelhante ao que eu vivenciei algumas vezes:

Por mais que o lugar [ASMARE] transparecesse um local sem muita visibilidade ou, até mesmo, marginalizado, eu era o ser invisível ali. Apesar da minha presença, os(as) catadores(as) trabalhavam sem se importarem com um estranho observando. (SOUZA, 2018, p.69)

Ao mesmo tempo em que as minhas tardes de sexta-feira eram imprevisíveis, existia uma certa rotina por trás das oficinas quando as mesmas aconteciam. O processo começava com a minha chegada ao galpão, sendo muitas vezes completamente ignorada, ou notada por poucos, que estavam próximo à entrada e faziam algum comentário sobre dança. “*Hora da Zumba!*”, dizia um, “*Hoje tem forró?*” perguntava outro. O segundo passo era localizar as pessoas que

⁴ Do inglês: estrangeiro, aquele que não pertence.

demonstravam interesse em participar, ou alguns outros que me reconheciam, mas nunca haviam feito uma oficina, mas principalmente aquelas que eram mais frequentes, pois seria uma forma de garantir que acontecesse.

O exercício da paciência começava em seguida, após dar uma volta no galpão e encontrar a maioria das mulheres, era necessário que houvesse alguma movimentação por parte de uma delas, para que as outras seguissem o exemplo. Eu chamava pelo nome várias vezes, convidava, esperava, conversava, voltava a chamar. 10 minutos. 15. Às vezes 20 ou mais. Adotei a estratégia de ligar o som na copa, mesmo que ninguém estivesse lá, para dar a impressão que a aula já havia começado. Algumas vezes funcionou, mas nem sempre.

Quando duas ou três chegavam eu começava a oficina, mesmo que outras fossem aparecendo com o passar dos minutos. O importante era conseguir começar. Aquecimentos, alongamentos e sequências faziam parte dessa rotina que criei, com o objetivo de criar uma identificação com o que elas me apresentaram como sendo o conceito que elas tinham de dança. Por tentativas diversas, fui percebendo a dificuldade de se trabalhar ideias abstratas, criatividade e liberdade de movimento. Algumas catadoras só participavam das partes de cópia, repetição e sequências decoradas.

E aqui foi quando me deparei com uma questão importante, pois desde o primeiro dia no curso de Dança, nós graduandos, somos convidados a questionar o lugar da cópia e da repetição pura do movimento, da simples cópia, do professor à frente da sala e os alunos atrás, do modelo a ser seguido. São 5 anos de estudos inspirados nos questionamentos de Rudolf Laban e Klauss Vianna acerca da forma fria, repetitiva e vazia de significados (VIANNA, 2005). Buscamos ter, ao longo do curso, uma visão mais ampla sobre os modos de fazer dança, pensando em possibilidades de ensiná-la com significado, com vivências e pensamentos que perpassam o movimento, e não o mover pelo mover, sem nenhum propósito ou reflexão.

Contudo, ao chegar na ASMARE, a cópia e a repetição foram ferramentas de trabalho extremamente importantes para mim em alguns momentos, para paradoxalmente abrir caminhos para o desenvolvimento da autoralidade e da

criatividade. Não era a única, mas era uma base importante para conseguir desenvolver, em seguida, outros tipos de vivência em Dança com pessoas que nunca a haviam experimentado desta maneira. Por meio da cópia, podíamos aprimorar alguns gestos a cada semana, encontrando maneiras mais orgânicas de movimentar e novas possibilidades de usar o corpo. A repetição de movimentos e células corográficas, por outro lado, além de estimular a memória, fazia com que elas mesmas encontrassem espaços para modificar um ou outro passo, adaptar posicionamentos e/ou experimentar algumas formas de expressar, mesmo que timidamente, a sua criatividade.

A demanda de danças codificadas era por um lado uma abertura e por outro um grande dificultador. Como conciliar meus ideais de Dança com suas demandas e suas próprias imagens sobre o que é Dança? Buscava sempre ouvir o que as integrantes tinham para falar, quais eram suas expectativas, para tentar descobrir como poderia alinhar seus desejos às minhas propostas.

Muitas vezes, algumas coisas estavam muito claras na minha cabeça, mas nem sempre para elas. “*Qual o objetivo desse exercício?*”, “*Isso serve pra alguma coisa?*” “*Isso é bom pra quê?*” eram algumas das perguntas que me direcionavam as participantes mais curiosas, principalmente quando as atividades possuíam caráter mais abstrato. Aprendi com isso a importância do diálogo, de buscar apresentar ideias concretas e explicar o que fazíamos ali.

Um exercício aparentemente simples, como caminhar pelo espaço, poderia ser objeto de grande resistência. Mas a medida em que eu proponha metas e desafios para a caminhada (como andar apenas de lado, ou olhar nos olhos de quem cruzar meu caminho ou andar como se tivesse pressa para chegar em casa), aquilo ganhava uma concretude maior ao fazer. Ainda assim poderiam haver questionamentos sobre a necessidade daquilo, e eu respondia, por exemplo, sobre a importância de estarmos mais atentas e perceber as outras pessoas no espaço ou de desenvolver habilidades corporais novas.

Aos poucos fui percebendo diferentes maneiras de flexibilizar meu trabalho para atingir resultados sem frustrar as expectativas das mulheres. A insistência para que fizéssemos aulas de zumba, por exemplo, foi em grande parte resolvida quando

desenvolvi sequências coreografadas de alongamento, aquecimento e alguns passos simples de pouco deslocamento. Ao mesmo tempo aquela era uma oportunidade para desenvolver a memória, a coordenação motora, entre outros aspectos necessários para o trabalho com dança.

Um dos maiores dificultadores do andamento do trabalho, ao longo de todo o período do projeto, no entanto, sempre foi o julgamento por parte dos catadores que não participavam das oficinas de dança, em geral homens, mas não exclusivamente. Praticamente toda semana ouviam-se críticas, reclamações e comentários desgostosos com o fato de algumas pessoas estarem dançando enquanto os demais trabalhavam. Apesar de nenhuma participante ter efetivamente nos afirmado isso, acreditamos que esses julgamentos tiveram uma grande influência na queda do número de integrantes ao longo do projeto. Algumas pessoas chegavam a participar apenas do começo da aula e em seguida retornavam ao trabalho, após ouvir os comentários.

4.4. TAMBOR MINEIRO: UM NOVO ESPAÇO

Ao fim de 2017, interrompemos as oficinas em razão das festas de final de ano e férias de janeiro. Ao retomarmos as atividades, encontrei dificuldades semelhantes às que encontrei durante as primeiras oficinas. Houve uma quebra no ritmo do projeto, e a desmotivação se uniu às mais variadas desculpas, o que gerava ainda mais demora para começar as aulas e os dias não rendiam. Cheguei a voltar para casa sem conseguir realizar a oficina, pois ninguém se dispôs a fazer em alguns dos dias.

Em março de 2018, realizamos mais uma reunião no galpão da Ituiutaba, com o objetivo de motivar a participação das catadoras, apresentar à ASMARE o livro que havia sido escrito sobre o projeto – falarei sobre o mesmo a seguir – e tentar modificar nossa estratégia em relação às nossas ações. Decidimos então tentar mudar o local das oficinas, pois o espaço físico e os olhares de outros catadores eram grandes limitadores.

Anamaria entrou em contato com o artista Maurício Tizumba, que possui um espaço cultural, na rua Ituiutaba, a poucos metros da ASMARE: o Tambor Mineiro. Acertamos com ele a logística do dia e do horário, e decidimos começar já na semana seguinte as oficinas no novo espaço. Lá realizamos quase todas as oficinas até o fim do semestre. Contudo, apenas três mulheres (que estavam ensaiando uma apresentação para o lançamento do livro do projeto Catadores de Sonhos) estiveram presentes na maioria desses dias.

Ainda assim, a troca de espaço foi bastante positiva, e trouxe outro tipo de vivência para as oficinas. Os atrasos para começar ainda aconteciam, contudo, o fato de estar em um lugar fora do ambiente de trabalho, sem julgamentos externos, deixou a rotina um pouco mais descontraída e as trocas mais significativas. Por outro lado, o espaço cultural também trouxe um caráter mais sério ao trabalho e possibilitou alguns exercícios, propostas e dinâmicas de aula que não eram possíveis na copa da ASMARE, principalmente no que tange ao uso do chão e à ocupação de espaços mais amplos. Foi a primeira vez que realizamos atividades com os pés no chão, com bolinhas de tênis e momentos de relaxamento.

O Espaço Cultural Tambor Mineiro é um tipo de lugar que não costuma ser frequentado pelas catadoras, refletindo aquilo que apresentamos no capítulo anterior acerca do estigma social. Portanto, o fato de termos feito daquele espaço, um lugar de apropriação foi extremamente significativo. Uma das participantes relatou que mesmo passando na porta do Tambor diariamente, nunca soube do que se tratava aquele espaço e ficou surpresa quando lá entrou pela primeira vez. Uma outra questionou porque não termos feito as oficinas lá desde o começo. Estar ali, para elas e para mim, com certeza não foi apenas uma mudança espacial.

4.5. APRESENTANDO PARA O PÚBLICO: PERDAS E GANHOS

À medida em que foram se desenvolvendo com certa frequência as oficinas de dança, Anamaria e Glauclinei me sugeriram a ideia de uma apresentação das catadoras, uma coreografia, um estudo de movimento, uma aula aberta, alguma coisa do tipo. Fiquei um pouco receosa com a ideia a princípio, pois achei que não seria de interesse das mulheres. Guardamos esta ideia para que pudéssemos pensar nas

possibilidades de colocá-la em prática antes de falar alguma coisa com as catadoras. O ano de 2017 estava se encerrando e teríamos tempo para tal proposta no semestre seguinte.

Nesse meio tempo, o professor Glaucinei estava trabalhando para concretizar a publicação do livro “Catadores de Sonhos”, um projeto já em desenvolvimento quando eu me tornei bolsista. O livro, lançado em 2018, conta a trajetória da ASMARE e do curso de Design da UFMG, e como ambas se uniram, resultando em uma ação extensionista transformadora. Surgiu então a ocasião na qual poderíamos realizar uma apresentação de dança no evento de lançamento desse livro.

Apesar de termos pensado nesta possibilidade no ano anterior, somente em fevereiro de 2018, ao retomar o semestre, nós apresentamos a proposta às participantes das oficinas. Algumas já descartaram a possibilidade logo de cara, afirmando que sentiam vergonha e que não iriam gostar de se apresentar para outras pessoas. Mas, para a minha surpresa, algumas outras se interessaram e ficaram até empolgadas com a ideia. Combinei com elas que continuaria com as aulas normalmente e, enquanto isso, elas decidiriam se gostariam realmente de participar deste momento.

Mesmo tentando seguir o ritmo normal das oficinas e deixando o ensaio da coreografia para os minutos finais, o número de participantes diminuiu ainda mais. À medida em que a apresentação ia tomando forma, as mulheres que não tinham o desejo de apresentar deixavam de frequentar as oficinas, mesmo quando eu insistia que poderiam fazer parte das aulas e não dançar no dia do lançamento. Em conversa com Anamaria, chegamos até mesmo em desistir da ideia da apresentação, para tentar atraí-las de volta às oficinas, mas neste caso, frustraríamos as expectativas já criadas pelas mulheres que tinham este interesse.

No fim das contas, três catadoras decidiram por participar, e o processo de criação, ensaio e apresentação da coreografia trouxe uma série de benefícios para as mesmas. Ao mesmo tempo, quando pensamos na proposta inicial das oficinas, perdeu-se muito com o fato de apenas três pessoas estarem envolvidas. Para somar-se às dificuldades, a data do lançamento precisou ser adiada algumas vezes, por

diversos problemas como: atraso na entrega do material por parte da gráfica, greve dos caminhoneiros e indisponibilidade do auditório da Escola de Arquitetura.

Dessa forma, o evento acabou acontecendo apenas no dia onze de junho, o que fez com que as outras mulheres ficassem ainda mais tempo sem participar das oficinas. Muitas das intercorrências que impediam as oficinas de acontecerem de maneira regular também aconteceram nos meses que antecederam o lançamento, problemas dentro da própria associação, feriados e outros. Até mesmo as três que se interessaram pela proposta da apresentação chegaram a ficar um pouco desanimadas em alguns momentos.

FIGURA 5 – Registro da apresentação na Escola de Arquitetura da UFMG



Fonte: Acervo do projeto

De acordo com Morandi (2006, p.90), “As apresentações de dança, antes de serem apenas mera ilustração, são parte importante na formação em dança, porém, como resultado de todo um processo que desemboca num espetáculo”. Mesmo que o objetivo inicial das oficinas não tivesse sido a realização de uma apresentação ao público, é inegável que a mesma faz parte da experiência educativa

em dança, e assim, a breve coreografia de 4 minutos foi, de certa forma, um reflexo de alguns meses de trabalho em conjunto.

O processo de composição foi inicialmente baseado em movimentos simples que eu já trabalhava desde o começo do projeto, buscando estimular a coordenação motora e a lateralidade, mas ao avançarmos nos ensaios, as mulheres chegaram a criar passos, sugerir movimentações e posições de palco, o que me surpreendeu, uma vez que a criatividade era, até então, um ponto que eu tinha dificuldade de trabalhar com elas.

A apresentação trouxe para nós, além da experiência, perdas e ganhos para o projeto como um todo. Sabemos que o palco pode ser intimidador, não é todo mundo que se dispõe a enfrentá-lo, se expondo aos olhares da plateia. Mas quando se tem coragem de subir, este pode ser (e foi) um lugar de grande aprendizado e crescimento, mesmo que poucas tenham passado por essa experiência.

Recebemos relatos muito positivos por parte daquelas que participaram desta experiência no dia do lançamento. Uma delas disse: *“Eu nunca tinha subido num palco desse jeito, fiquei muito nervosa, mas gostei demais”* enquanto outra comentou: *“Que sensação ótima, nunca me senti assim antes. Foi difícil olhar para tantas pessoas, mas agora que acabou eu tô me sentindo muito bem. Que bom que eu vim”*. Como professora e bailarina, consegui ver de perto a alegria e um pouco de receio nos olhos de quem se apresentava pela primeira vez para um público. O auditório estava cheio, o nervosismo era palpável, mas o sorriso e o abraço caloroso ao descerem do palco foi provavelmente um dos momentos mais significativos ao longo do meu percurso no projeto.

Assim como aconteceu com o Tambor Mineiro, estar na Universidade, frequentar aquele espaço, trouxe à tona a questão da estigmatização, uma vez que era a primeira vez que a maioria daquelas pessoas (não somente às dançarinas, como também os catadores que assistiram ao lançamento) entrava em uma Universidade. E se pensarmos que a universidade é um espaço público e de direito de todos, percebemos que nem sempre o mesmo é oportunizado ou aberto para toda a população, mas os projetos de extensão podem ser um canal para que esse tipo de troca aconteça.

4.6. O DESAFIO DA CONTINUIDADE

Após o lançamento do livro, foi difícil retomar as oficinas de dança. Parecia o encerramento de um ciclo, e demorei algumas semanas para conseguir reunir algumas das mulheres que já haviam participado do projeto e tentar dar seguimento ao trabalho. Realizamos mais uma reunião em agosto, para que pudéssemos ter uma perspectiva do que faríamos, quem gostaria de continuar ou voltar às aulas. Como sempre, no dia da reunião, as pessoas se comprometem, mas na semana seguinte o desinteresse já havia dado lugar aos acordos feitos.

Ao fim do primeiro ano de oficinas de dança, tentei conversar com as mulheres para ouvir o que pensavam sobre o trabalho, quais eram suas expectativas, suas críticas e sugestões para a continuidade do projeto. Neste dia, algumas ficaram tímidas e não quiseram se manifestar, algumas falaram algumas palavras e outras ficaram de pensar a respeito para me falar depois. Uma participante que não estava presente no dia, relatou posteriormente:

Eu gostei de tudo, acho interessante o projeto, nos faz querer alcançar nossos objetivos, com mais flexibilidade, sem ultrapassar o limite dos outros, acho que deveria continuar. Um ponto que não gostei foi a desistência das outras participantes, tirando isso, amei tudo. – Ana Cristina, 23 anos.

O projeto foi renovado com aprovação da PROEX, e como este é meu último semestre na UFMG, me mantive como voluntária até que eu me forme. Contamos agora com uma nova bolsista do Curso de Dança, a aluna Luana Magalhães. Nos últimos meses, Luana me acompanhou nas oficinas e reuniões da ASMARE, para se inteirar de todo o contexto e se preparar para assumir as oficinas em 2019. Temos trabalhado juntas, buscando encontrar o ritmo semanal das oficinas, à medida em que as mulheres também se sintam à vontade com a presença de duas proponentes em sala.

Inúmeras oportunidades nos convidaram a desistir do projeto. Seria o caminho mais fácil. Contudo, existe muito potencial por trás de tantas dificuldades. Acredito que seria um desperdício não insistir em tamanha fonte de troca, experiência e aprendizagem. Houve momentos em que eu não acreditei no meu próprio trabalho, momentos em que eu acreditei estar indo na direção contrária de tudo aquilo que

discutimos na universidade; mas hoje, ao perceber o caminho percorrido, me orgulho e enxergo a grandeza desse projeto para a minha história.

No início de 2018, os professores Anamaria e Glaucinei criaram um novo projeto de extensão, com objetivos semelhantes, mas em um contexto completamente diferente: o Flores do Morro. Quando começamos com a dança no Catadores de Sonhos, havíamos pensado em realizar mais de uma oficina semanal na ASMARE, mas com a impossibilidade de implantar esta proposta e com a não constância das oficinas, os professores me propuseram que participasse dos dois projetos ao mesmo tempo. No capítulo seguinte farei uma apresentação do projeto Flores do Morro e um paralelo entre as duas realidades experienciadas ao longo deste ano.

5. OUTROS ARES: FLORES DO MORRO

Flores do Morro: Design, Dança e Arquitetura para o bem-estar social é um projeto de extensão que teve um início parecido com o Catadores de Sonhos. O *Flores do Morro* é um grupo de bordado e pintura de mulheres habitantes do Morro das Pedras, uma das maiores periferias de Belo Horizonte. O grupo existe há mais de 6 anos, e já recebeu apoio de diversas instituições. Quando os professores Glaucinei e Anamaria conheceram o grupo, em 2017, foi através de uma destas organizações: a Cáritas – Paroquial de Nossa Senhora de Fátima⁵.

Ambos os professores levaram grupos de alunos de suas disciplinas da graduação para que pudessem propor algumas atividades de Design e de Dança ao longo do semestre. Eles se interessaram muito pelo grupo e pelas propostas que lá eram desenvolvidas, mas sobretudo pela possibilidade de dar continuidade ao que os alunos começaram a desenvolver nas disciplinas *Design Social* e *Poéticas do Tempo: Dança e Longevidade*. A PROEX contemplou o projeto com uma bolsa e a aluna Júlia Passos, do curso de Arquitetura e Urbanismo, foi selecionada, enquanto eu e Jéssica Kawaguinki – aluna de Design que cursou a disciplina Design Social em 2017 – entramos como voluntárias.

O objetivo era desenvolver, com as mulheres, atividades que integrem o design, o corpo no espaço e o território em que o grupo está inserido. Desta forma, as atividades seriam idealizadas sob a perspectiva das três áreas trabalhadas em conjunto: Design, Dança e Arquitetura. A ideia inicial era dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos nas disciplinas no semestre anterior, em termos de temáticas, técnicas de design, exploração corporal etc. Nos reunimos então com as mulheres do grupo para conversar acerca do projeto, das nossas propostas, e ouvir o que elas gostariam de fazer e qual era a disponibilidade do grupo, antes de planejarmos nossas ações. Elas gostaram muito da ideia e decidimos, inicialmente, que realizaríamos uma oficina toda terça-feira, entre 14h30 e 17h, enquanto nas quintas-feiras, elas dariam continuidade às aulas de bordado e pintura, que já aconteciam a mais tempo.

⁵ Organização sem fins lucrativos que oferece assistência social aos moradores do Aglomerado Morro das Pedras desde 1964.

Nós três, alunas, realizamos um planejamento inicial e decidimos que nosso objetivo, para além de ampliar o repertório artístico e técnico, seria trabalhar a autoestima, desenvolver a consciência corporal, as potencialidades de expressão criativa das participantes e fortalecer a identidade do grupo. Nosso planejamento é continuo e ocorre à medida em que vamos percebendo a necessidade de modificar alguma abordagem, propor novas ideias ou mesmo ajustar alguma coisa dentro do que estamos trabalhando.

Para iniciarmos os trabalhos com as mulheres, nos fundamentamos em alguns dos princípios e temas que foram trabalhados ao longo da disciplina de Design Social, como: identidade, autoconhecimento, território e memória. Dentro destes temas buscamos oferecer atividades que trabalhem os conceitos que buscamos primeiramente no corpo, para em seguida trabalharmos com técnicas manuais ou produtos. Em algumas das aulas, é clara a divisão entre o momento da dança e o momento do design, mas muitas vezes conseguimos trabalhar tudo ao mesmo tempo, com atividades que abrangem a Dança, o Design e a Arquitetura. A cada oficina buscamos encontrar novas maneiras de desenvolver as temáticas trabalhadas.

Após alguns meses, as oficinas passaram a acontecer tanto na terça quanto na quinta feira, sem interrompermos as aulas de bordado e crochê, mas pelo contrário, buscando integrar e complementar as atividades realizadas. Tentamos valorizar sempre a relação construída entre os envolvidos no processo, estudantes e comunidade, a proximidade entre os sujeitos, o reconhecimento e a valorização dos saberes e das potencialidades de cada participante. Assim, buscamos, na medida do possível, romper com a ideia tradicional de professor e aluno, trazendo a possibilidade de um aprendizado mútuo e muito mais enriquecedor para todos.

Apesar de termos encontrado algumas dificuldades; num geral, a maioria das oficinas ocorre sem grandes problemas. As mulheres participam ativamente e nos dão um retorno muito positivo, o que nos motiva a continuar com as nossas propostas e vislumbrar ainda outras possibilidades. Percebi que realizar o planejamento em grupo também pode ser extremamente proveitoso, pois as ideias de diferentes áreas se complementam e fazem com que possamos dar continuidade aos trabalhos. Com a mais recente chegada da Luana, somos quatro alunas unidas para pensar nos mais diversos caminhos e possibilidades, o que tem funcionado muito bem.

Em consonância com as nossas propostas, Garcia afirma que:

Os contatos com a sociedade/comunidade, por meio da extensão, podem ser mais abrangentes do que aqueles que se resumem a atividades pontuais e específicas. Por exemplo, quando temos a oportunidade de observar acadêmicos de cursos diferentes participando de ações interdisciplinares, atuando para além de suas práticas específicas, na direção da formação integral. (GARCIA, 2012, p. 40)

FIGURA 6 – Atividade de dança no Flores do Morro



Fonte: Acervo do projeto

Recentemente, em outubro de 2018, o projeto foi premiado como destaque na Semana do Conhecimento da UFMG, na categoria de relevância acadêmica do XXI Encontro de Extensão. Tanto para as apresentações do projeto quanto na cerimônia de premiação, as mulheres estiveram presentes no Campus e puderam falar um pouco sobre a experiência no projeto. Além disso, realizamos uma visita à disciplina *Poéticas do Tempo: Dança e Longevidade* e estamos sempre buscando novas formas de conectar a comunidade e o meio acadêmico, pois, para que haja uma troca verdadeira, sabemos que a extensão é mais do que apenas irmos até o morro propor nossas ideias.

Durante uma das visitas que realizamos à UFMG durante a Semana do Conhecimento, uma das senhoras relatou: “*eu gosto muito do projeto com as meninas, porque antes as professoras só vinham ensinar as coisas, mas elas sempre escutam o que a gente quer fazer, é diferente. A gente aprende junto, é muito bom!*”

5.1. QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES

O Flores do Morro me trouxe uma nova perspectiva em relação aos projetos de extensão. Muitas vezes as dificuldades e os entraves na ASMARE me desanimavam e me esgotavam energeticamente. Mas ao chegar no morro na semana seguinte, aquelas mulheres, em situação tão precária, mas com sorrisos no rosto, me davam motivos para seguir.

Comecei a me questionar, então, quais eram as diferenças que faziam um projeto acontecer com tanta facilidade e o outro não. Por que, ao chegar no Flores éramos recebidas tão bem, todas as propostas que levávamos tinham um retorno positivo e o número de participantes nunca diminuía? Por que no Catadores de Sonhos, a cada semana, era mais difícil dar seguimento às oficinas, as propostas não desenvolviam da maneira que esperávamos e cada vez menos mulheres estavam interessadas em participar?

Eu sabia que muitos são os fatores que separam as duas realidades na qual eu estava tentando adentrar. No entanto, demorei um tempo até perceber que era completamente injusto da minha parte tentar fazer esse tipo de comparação. São contextos, histórias e pessoas completamente diferentes umas das outras, e querer comparar as duas oficinas, pensando em uma como dando “certo” e a outra dando “errado” seria muito redutor como reflexão.

Ainda assim, apesar de tantas distinções, houve momentos em que eu consegui ver semelhanças nos trabalhos que desenvolvi em ambos os projetos. Algumas atividades e propostas tiveram seu lugar para acontecer nas duas oficinas, mesmo que os objetivos específicos fossem diferentes, a forma para chegar até eles teve certa similaridade e passou por pontos em comum.

Para exemplificar, uma vez desenvolvi uma proposta de exercícios de trajetória com as mulheres da ASMARE, com o objetivo de trabalhar a ocupação espacial, perceber caminhos que podemos fazer com nosso corpo e como registrar essa experiência. Para tal, trabalhamos em duplas, uma pessoa se movimentando livremente pelo espaço e outra registrando no papel, com um giz, os caminhos que ela fazia; em seguida uma seguiria a trajetória da outra, a partir dos registros no papel, mas com seus próprios movimentos e sua própria interpretação. Meses mais tarde, levei a mesma proposta para o Flores, com a mesma estrutura, mas em um contexto diferente, pois estávamos produzindo um mapa afetivo e ao longo do processo pensamos nos trajetos da vida, nos caminhos que as levam de sua casa para o projeto toda semana, desenvolvendo noções de territórios e ambientes.

Outro exercício em comum que pode ser citado é o trabalho com a temática do espelho. De frente umas para as outras, realizando movimentos de maneira espelhada, uma pessoa guiando e outra acompanhando suas proposições, como se fosse seu reflexo. O objetivo principal na ASMARE, foi desenvolver a lateralidade e a coordenação motora, pois as mulheres tinham dificuldade de entender movimentos que trabalhavam com direita e esquerda. Enquanto no Flores, utilizamos do espelho como um estímulo inicial para trabalharmos com simetria e outros conceitos de composição no design.

Aos poucos consegui perceber algumas sutilezas que perpassavam os dois grupos de mulheres, fossem elas relacionadas às suas fragilidades, forças, conflitos, desejos e/ou concepções. E mais do que isso, consegui ver formas na qual os dois projetos me tocaram enquanto estudante de dança e enquanto professora. Muitas vezes, situações opostas me levaram a perceber uma mesma questão ou uma mesma perspectiva quanto ao meu fazer docente e/ou artístico. Fato é, que ambos os projetos modificaram, e muito, meu olhar acerca do ensino da Dança e da Arte, como um todo, uma vez que percebi através desses encontros, o potencial transformador do ensino-aprendizagem mútuo, da troca, das possibilidades de ser artista e ser docente sem deixar de lado a importância de estar com o outro, buscando crescer junto. Fui sensibilizada e profundamente tocada por estas mulheres fortes e inspiradoras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nasceram, ao longo deste estudo monográfico, variados questionamentos e reflexões sobre corpo, sujeito, arte, educação, sociedade e cultura; reforçando assim, a possibilidade de desdobramento desta pesquisa em horizontes variados. Não temos, portanto, o intuito de apresentar respostas e soluções para todas as questões emergentes sobre a temática do presente trabalho, nem de formar julgamentos taxativos, rígidos e excludentes acerca dos conceitos aqui apresentados; pois tal objetivo poderia fazer com que perdêssemos a coerência e a credibilidade que buscamos fortalecer diariamente no campo da Arte e da Educação. Contudo, devemos ressaltar algumas das percepções mais evidentes até aqui.

A partir das experiências apresentadas neste estudo, podemos dizer que a Extensão Universitária, como prática dialógica entre o meio acadêmico e a sociedade extramuros, é uma possibilidade de transformação para todos os sujeitos nela envolvidos. As ações extensionistas conseguem proporcionar ao discente um contato com o mundo, de forma única, ao desafiá-lo a ir além daquilo que se estuda em sala de aula, saindo de sua zona de conforto. Ao mesmo tempo, também oferece à sociedade novas formas de acesso a conhecimentos que muitas vezes são exclusivos àqueles que têm a oportunidade de cursar a educação superior.

Garcia, acredita que:

[...] é necessário que ela [Extensão Universitária] seja parte integrante do projeto institucional das universidades e dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de graduação e pós-graduação, bem como dos programas de capacitação docente. Enfim, que ela irrigue institucionalmente os cursos e não se torne apenas um grupo de ações isoladas. (GARCIA, 2012, p. 19)

O curso de Graduação em Dança - Licenciatura da UFMG existe desde 2010, ou seja, ainda é extremamente recente se comparado à história desta Universidade e do ensino superior no Brasil. Apesar de já existirem projetos de extensão voltados para a área da Dança, um grande número de alunos se forma sem ter participado ativamente de ações extensionistas. Dentre tantos pré-requisitos e dificuldades encontradas pelos alunos na grade curricular, talvez seja utópico imaginar todos os alunos experienciando projetos de extensão ao longo de sua formação.

Sabemos que o momento pelo qual passa a educação no Brasil é de extrema fragilidade, sobretudo no que diz respeito às Artes e especificamente à Dança, e que a universidade luta diariamente para manter-se ativa com todos os percalços originados de dificuldades de gestão e graves problemas na ordem das políticas públicas. Deve-se, contudo, reforçar a necessidade da continuação dos projetos de extensão já existentes, bem como da criação de novas políticas de fomento, incentivo e manutenção de ações extensionistas universitárias; além da importância do estímulo, por parte dos professores, para que os alunos participem mais ativamente de projetos de extensão ao longo de sua trajetória acadêmica.

Os relatos de alunos que tiveram esta oportunidade são muito positivos e corroboram com a hipótese inicial que deu origem a este trabalho. Quando questionada sobre o impacto causado pela sua participação em projetos de extensão, uma aluna do curso relatou:

“No nosso processo de aprendizagem, o fazer implica que tenhamos contato com a realidade, e não apenas lemos e ouvirmos sobre coisas que um dia faremos. Sendo assim, esses projetos contribuem para que nossos saberes sejam teórico/práticos verdadeiramente. Além de reais. Estas experiências contribuíram para minha formação, e percebo que não só profissionalmente na área da Dança, mas contribuíram pessoalmente, no tipo de postura que tenho com o meu aprendizado e com aqueles que pretendo mediar.” – Barbara Almeida

A graduanda Anna Paula Santos afirmou: “os projetos me possibilitaram a experiência direta com diversas relações ensino-aprendizagem e estudante-educador, e viver essa diversidade de possibilidades me ajuda a construir a individualidade como educadora-artista.” Luana Magalhães, aluna da Dança e participante de ambos os projetos citados nesta monografia compartilhou:

“Ver a universidade indo às regiões mais periféricas e marginalizadas, pode nos dar uma ideia de que estamos indo levar o conhecimento e oferecer assistência, e à medida em que os encontros vão acontecendo essa ideia vai se desfazendo. É muito diferente minha percepção de quando comecei a trabalhar e como eu vejo agora o tanto que eu tenho a aprender e estou aprendendo com as mulheres, todos os dias. É um conhecimento que está sendo construído na relação, enquanto a gente se encontra. [...] Muitas vezes me sinto perdida, pois não é uma questão de aplicar um conhecimento que aprendi na faculdade, é uma questão de construir um saber que ainda não existe, e eu estou aprendendo muito na ação [...]. Com o passar do tempo no projeto, percebi também que tem se tornado mais visível para elas [as mulheres] a importância dos saberes que elas possuem.” – Luana Magalhães

Outra licencianda do curso de Dança descreveu:

“[Os projetos de extensão] possibilitam uma formação que muitas vezes o curso não proporciona, uma vez que o bolsista atua em áreas bastante diversas. É um enriquecimento na formação do discente, uma ampliação nas suas perspectivas de atuação profissional [...]. Essa experiência marcou de maneira muito significativa a minha formação na universidade e ela irá reverberar ao longo de toda a minha carreira. Nessa etapa final do meu curso, fazendo um balanço na minha formação, percebo que os cursos de extensão foram algo que deram um gás na minha formação. Pude conhecer outras “UFMG’s”, outros saberes, outros estudantes (colegas da graduação), fazendo com que eu olhasse para minha própria formação e área de atuação de uma maneira diferente.” – Camila Magalhães

Durante os últimos dezesseis meses estive imersa no contexto da Extensão Universitária. Após tantas experiências vividas nos dois projetos relatados nesta pesquisa, não há dúvida que concordo com os relatos apresentados acima por minhas colegas de curso. Por mais que a graduação por si só tenha me possibilitado vislumbrar outros horizontes e pensar a Dança para além do que eu conhecia até então, foram estes projetos que tiveram o maior impacto no meu fazer artístico-pedagógico. E não por ter sido fácil ou natural, mas pelo contrário, por me desafiar a ir além, a buscar novas possibilidades na Dança, na Arte e na Educação

Ao longo de todos os anos dentro do Curso de Dança, a maioria das disciplinas fez com que eu repensasse a forma como eu vejo a Dança, como eu vejo a Arte. Me fez repensar as possibilidades de carreira, as possibilidades de formação artística, profissional e acadêmica. Me fez repensar como eu vejo a educação através da arte mais do que a arte somente pela fruição. No entanto, os projetos de extensão que participei me fizeram repensar meus modos de ser e estar no mundo como um todo. Marques (2011, p.35) afirma que “dançando, seremos capazes de construir e desconstruir o mundo em que vivemos”.

E isto se torna extremamente significativo se pensarmos, por exemplo, nos conceitos de Klauss Vianna, nos lembrando que somos a mesma pessoa dentro e fora da sala de aula, no palco, na rua ou em casa:

Todas as ansiedades, questionamentos e dúvidas têm origem e resposta em mim e isso determina minha postura diante do mundo exterior. Aplicada a uma aula de dança, essa verdade toma vulto e as mesmas relações que existem no dia-a-dia afloram. Por isso não concordo com os que dizem que, ao entrar na sala de aula é preciso deixar os problemas lá fora. Impossível,

pois minhas angústias e tensões estão presentes em meu corpo, em meus gestos. Durante a aula é impossível camuflar, esconder o que eu sinto, o que trago do cotidiano. Em vez de reprimir esses sentimentos é possível trabalhá-los, dimensionando-os de forma mais equilibrada. (VIANNA, 2005, p. 75)

Com as vivências dentro da Extensão Universitária, me tornei uma pessoa mais sustentável, percebendo a importância da reciclagem e a urgência do consumo consciente para que possamos tentar diminuir os impactos da produção excessiva de resíduos. Me tornei mais tolerante e paciente com idosos, o que eu acreditava ser um grande desafio para mim, já tão acostumada a trabalhar com crianças. Me tornei mais flexível, quando vi que nem tudo na vida pode ser previsto, programado e calculado com antecedência. É necessário sentir cada momento. É necessária escuta para trabalhar com o tempo do outro sem imposições. Me tornei mais humana em relação ao meu olhar para com mulheres que vivem uma realidade tão diferente da minha, por terem posicionamentos tão diferentes dos meus, imersas em outro tipo de contexto, sem as oportunidades que tive de viver o que vivi. Não é sobre ser melhor ou pior, é ser diferente. E já que é tão diferente, pensemos em como podemos trocar juntas e nos transformar mutuamente.

No nosso contexto ocidental, sabemos que não há maior símbolo para o conhecimento do que a instituição de ensino formal. Este é seu papel e sua função perante a sociedade: Educar, difundir o saber, formar. Após três semestres de estágio obrigatório, o significado da licenciatura, dentro da realidade da escola, do sistema de ensino e do dia-a-dia da sala de aula, passou a ser mais evidente. Mas, ao mesmo tempo, foi dentro da universidade, um lugar tido pela sociedade como detentor dos saberes, que percebi que a troca de conhecimento pode acontecer de maneira menos hierarquizada e verticalizada. Ainda que, depois de graduada, eu trabalhe nas escolas e instituições de ensino, as vivências nos projetos de extensão com certeza farão diferença no meu modo de ser, agir e ensinar Dança.

REFERÊNCIAS

ASMARE – Associação dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://asmare.org>> Acesso em: 25 maio 2018.

AZEVEDO, P. E. M. de; **O corpo vivo: um ensaio sobre uma experiência da dança na cidade de Macaé-RJ.** 272p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

Caritas Paroquial Nossa Senhora de Fátima. Disponível em <caritasnsf.org.br> Acesso em: 13 outubro 2018.

CORRÊA, G. R. (org). **Catadores de sonhos:** design em projetos de extensão. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2018. 180 p.: il.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEX; 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>> Acesso em: 10 set 2018

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosica Darcy de Oliveira. 7^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p. (O Mundo, Hoje, v. 24)

_____. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes Necessários à Prática Educativa. 25^a ed. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, B. R. Z. **A contribuição da Extensão Universitária para a formação docente.** Tese (doutorado) - Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / SP, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma.** Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

JACOBI, P.; TEIXEIRA, M. A. C. Criação do Capital Social: o caso Asmare – Associação dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável de Belo Horizonte. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania.** v. 2. São Paulo, 1997.

MARQUES, I. Notas sobre o Corpo e o Ensino da Dança. Caderno Pedagógico, **Lajeado**, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa online. Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 08 set 2018.

MOURA, K. C. F. **Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos:** existe um corpo ideal para a dança? 205p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas / SP, 2001. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000231855>>. Acesso em: 07 abril 2018.

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces – Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013

PEREIRA, M. C. G. **Luta por reconhecimento e desigualdade social:** uma análise da experiência dos catadores da Asmare em Belo Horizonte (MG). 2011. 124 f. Dissertação (mestrado em administração pública e governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8224/62090100012.pdf>> Acesso em: 01 junho 2018.

SANTOS, R. C.; FIGUEIREDO, V. M. C. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Pensar a Prática**, v. 6, p.107-116, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16052/9836>>. Acesso em: 30 abril 2018.

SIQUEIRA, D. C.; SIQUEIRA, E. D. O. O Corpo que Dança: Percepção, Consciência e Comunicação. **LOGOS 20: Corpo, arte e comunicação**. Rio de Janeiro. Ano 11, nº 20, 2004. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14675>> Acesso em 21 maio 2018.

SOUSA, A. L. L. **A História da Extensão Universitária**. Campinas: Alínea, 2000.

SOUSA, R. R. **Memórias do lixo:** luta e resistência nas trajetórias de catadores e catadoras de materiais recicláveis da ASMARE. 2018. 135 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B3GLKV>>. Acesso em 07 ago. 2018.

STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. **Entre a arte e a docência:** a formação do artista da dança. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2006.

VIANA, A. F.; VIANA, M. T. **O Juiz, o operário e o bailarino.** 1. ed. Belo Horizonte: RTM, 2016.

VIANNA, K. **A Dança.** 6. Ed. São Paulo: Summus, 2005.